



UM RETRATO DE MONTEIRO LOBATO ENQUANTO JOVEM: SUA FORMAÇÃO INTELLECTUAL NA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO (1900-1904)
A PORTRAIT OF MONTEIRO LOBATO AS A YOUNG MAN: HIS INTELLECTUAL FORMATION AT THE SÃO PAULO LAW SCHOOL (1900-1904)

ARIEL ENGEL PESSO¹

Resumo

O presente artigo analisa a formação intelectual de Monteiro Lobato (1882-1948) no período em que ele estudou na Faculdade de Direito de São Paulo (1900-1904). Assim, investigamos sua atuação dentro e fora da Academia, os autores com os quais ele tomou contato e suas contribuições na imprensa acadêmica e geral. Tal análise se dá mediante a utilização de fontes primárias (correspondência privada, periódicos estudantis e de circulação geral, e documentos em arquivos) e de fontes secundárias (seus escritos publicados posteriormente e obras de caráter biográfico). Em conclusão, podemos dizer que do ponto de vista estritamente acadêmico Monteiro Lobato foi um estudante mediano, mas deixou sua marca ao participar ativamente da vida acadêmica e social da São Paulo da virada do século XX.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Faculdade de Direito de São Paulo; História Intelectual; Direito e Literatura.

Abstract

The present article analyzes the intellectual formation of Monteiro Lobato (1882-1948) during the period in which he studied at the São Paulo Law School (1900-1904). Thus, we investigate his activities inside and outside the Academy, the authors with whom he had contact and his contributions in the academic and general press. This analysis is made using primary sources (private correspondence, student and general circulation periodicals, and documents in archives) and secondary sources (his later published writings and biographical works). In conclusion, we can say that from a strictly academic point of view Monteiro Lobato was an average student, but he left his mark by participating actively in the academic and social life of São Paulo at the turn of the 20th century.

Keywords: Monteiro Lobato; São Paulo Law School; Intellectual History; Law and Literature.

1. Introdução²

¹ Bacharel, Mestre e Doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD-USP). Bacharel e licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Foi Visiting Researcher na Harvard University e no Max Planck Institute for Legal History and Legal Theory. E-mail: ariel.epezzo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1769-2117>.

² Gostaria de agradecer a Richard Schippa e Matheus Della Monica, cuja ajuda foi essencial à redação deste artigo. Também agradeço aos comentários feitos por Stephani Gagliardi Amantini e Osni Lourenço Cruz.



Monteiro Lobato (1882-1948) estudou na Faculdade de Direito de São Paulo (FDSP) entre 1900 e 1904. É sabido seu pouco apreço pelo Direito³ – sua verdadeira vontade era estudar Belas Artes (para ser pintor) ou Engenharia, mas se formou nas Arcadas após imposição de seus pais e de seu avô materno, José Francisco Monteiro, o Visconde do Tremembé (NEVES, 1943, p. XII e CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 43). O Visconde foi cafeicultor no Vale do Paraíba e teve uma filha (Olympia Augusta Monteiro, a mãe de Lobato) e dois filhos: um estudou Medicina em Leipzig e o outro Direito em São Paulo (Francisco Alves Monteiro Netto, turma de 1881⁴); assim, era previsível que obrigasse o neto⁵ a seguir um dos dois caminhos, e ele optou pelo segundo: obteve uma Carta de Bacharel com o intuito de construir uma carreira no Direito, galgando posições cada vez maiores e melhores.

Lobato prestou os exames preparatórios⁶ e ingressou na Academia (como era conhecida a FDSP) em 1900. Raphael Marques Cantinho Filho, seu colega de turma, assim o descreve: “Baixo, pequeno, moreno, grandes supercílios que lhe davam aspecto ferrenho, em contraste com o seu gênio de pomba. Espírito sarcástico e crítico, analisava com infinita graça os ridículos do ambiente acadêmico de então” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 105). Com efeito, Edgard Cavalheiro – o biógrafo mais famoso de Lobato⁷ – afirma que

A passagem de Monteiro Lobato pela Academia de Direito será marcada por poucos acontecimentos: uma conferência, um discurso, meia dúzia de artigos nos órgãos estudantis, e nada mais. Como estudante, não foi nem bom nem mau; o Direito pouco lhe interessava. Estudava o necessário para passar nos exames (CAVALHEIRO, 1962, v. 2, p. 44).

A pergunta que se coloca, então, é: os cinco anos que passou em São Paulo a estudar Direito teriam sido perdidos? A experiência acadêmica e social não teria contribuído à formação intelectual de Lobato? Motivados por tais questionamentos, decidimos pesquisar esse período da vida do escritor. Assim, o presente artigo pretende analisar sua passagem pelo curso jurídico

³ Cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 44-45. Ainda estudante, escreveu “A doutorice”, em que critica o bacharelismo (LOBATO, 1955a, p. 143-148) e, ao se graduar, escreve ironicamente que saía bacharel do “venerando laboratório em que o Estado faz doutores por 500\$, em 5 prestações anuais” (LOBATO, 1961a, p. 67). Sobre Lobato e o Direito, cf. ATHANÁZIO, [1975], p. 9-29 e GODOY, 2008.

⁴ Outros membros da família de Lobato também tinham estudado em São Paulo – por exemplo, Rodrigo Lobato Marcondes Machado (turma de 1867), primo de seu pai, e José Getúlio Monteiro (turma de 1883), seu primo segundo.

⁵ Monteiro Lobato perdeu o pai e a mãe antes de completar 18 anos. Seu avô passou a ser o tutor dele e de suas irmãs (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 37-38).

⁶ Eram os exames exigidos à época para poder se matricular no ensino superior.

⁷ Cf. CAVALHEIRO, 1962. A maioria das informações biográficas aqui incluídas foram extraídas desta obra. Para uma pesquisa genealógica da família de Lobato, com informações sobre sua infância e juventude, cf. CRUZ, 2018.



de São Paulo no início do século XX, investigando sua atuação e suas contribuições na imprensa, bem como os autores com os quais ele tomou contato e que contribuíram para sua formação intelectual. Veremos, assim, de que modo as experiências do autor enquanto estudante de Direito foram enriquecedoras para a sua trajetória intelectual, a despeito da atitude de desprezo do próprio Lobato com relação à formação jurídica e ao cotidiano acadêmico. Em última instância, reconstruiremos uma parte do mundo formativo e social da sua juventude, como sinédoque de um quadro mais amplo da montagem das mentalidades da constituição dos juristas na Academia de São Paulo do começo do século XX.

Nesta esteira, nosso objetivo é lançar nova luz à fortuna crítica lobateana, mediante a reunião de dados dispersos em diversas fontes primárias e secundárias e a consolidação de diferentes aspectos da participação de Lobato na vida acadêmica e social de São Paulo, de modo a conferir-lhes maior visibilidade e relevo. Dessa maneira, nossa proposta é pesquisar as leituras da juventude do escritor com o escopo de identificar e apresentar os autores lidos por ele e refletir sobre as suas possíveis influências nas ideias e na obra lobatiana. Além disso, pretendemos preencher lacunas interpretativas da biografia do escritor, no sentido de propor uma nova leitura do período em foco, ao enfatizar aspectos minimizados por outros estudiosos de Lobato.

Em termos metodológicos, faremos esta análise mediante a utilização de fontes primárias,⁸ em especial sua correspondência privada⁹, periódicos estudantis e de circulação geral, e documentos em arquivos¹⁰, bem como de fontes secundárias, com destaque para seus

⁸ Em função da extensão do presente artigo, privilegiamos a identificação e apresentação das leituras e dos escritos de Lobato, em detrimento, por exemplo, da análise mais incisiva das fontes. Assim, alguns aspectos foram deixados de lado e podem ser incluídos em futuras pesquisas – por exemplo, perguntas sobre porque os textos foram escritos, quais as imagens que se gostaria de projetar com suas mensagens, e qual a expectativa de sentido que se gostaria de criar nos interlocutores que receberam tais mensagens; com efeito, um cotejamento mais cuidadoso de como o escritor oscilava seus estilos e mensagens nas diferentes plataformas de expressão poderia ajudar a entender suas *personas*, suas estratégias sociais e os sentidos performáticos de sua ação, ajudando inclusive a compreender em quais grupos acadêmico-sociais ele estava disposto a se expor (e com quais ele se contrapunha); outra possibilidade é uma análise material mais detida das influências intelectuais colhidas neste período formativo do escritor, ou seja, mostrar como as referências intelectuais da juventude apareceram posteriormente em sua obra. Agradeço ao parecerista da RIGHGB pelos apontamentos sobre tais aspectos.

⁹ A correspondência de Lobato pode ser encontrada em *A Barca da Gleyre* (LOBATO, 1955b) e *Cartas Escolhidas* (LOBATO, 1961a e LOBATO, 1959). A primeira contempla as cartas trocadas entre ele e Godofredo Rangel por quatro décadas e constitui importante fonte sobre o desenvolvimento de ambos enquanto escritores.

¹⁰ Os Arquivos consultados foram: Arquivo Público do Estado de São Paulo; Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE da Unicamp; Arquivo da Faculdade de Direito de São Paulo; e Museu Monteiro Lobato (<https://taubate.sp.gov.br/museumonteirolobato>).



escritos publicados posteriormente e obras de caráter biográfico¹¹.

Apesar de ter cursado Direito contra sua vontade, não se pode negar que os cinco anos em que frequentou a Academia de São Paulo foram decisivos para seu futuro: não apenas pelo fato de ter confirmado sua aversão aos negócios jurídicos, mas também pelo contato que teve com autores de Filosofia e de Literatura que lhe marcaram o espírito. Com efeito, em um inquérito organizado por Edgard Cavalheiro para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1941, Lobato mencionou as influências que considerava terem sido as mais importantes, isto é, os escritores que haviam contribuído para sua formação espiritual: Augusto Comte, Herbert Spencer, Gustave Le Bon e Friedrich Nietzsche (LOBATO, 1961b, p. 220-225). Foi justamente no período em que cursava Direito que Lobato teve contato com tais pensadores, como veremos. Além disso, a Academia representava um importante espaço de socialização, e Lobato travaria relações de amizade que perdurariam por toda sua vida.

O artigo está dividido em cinco partes. Na primeira analisamos a vida acadêmica na Faculdade de Direito de São Paulo entre 1900 e 1904, apontando os professores com quem Lobato teve aula e os principais eventos acadêmicos dos quais ele participou. Na segunda parte focamos na vida social que Lobato e os estudantes de então possuíam fora da Academia de Direito, mostrando os espaços de socialização e as atividades mais frequentes. Na terceira parte, fazemos o levantamento das leituras que Lobato fez durante o curso, com ênfase no 4º e 5º ano, com o objetivo de localizar autores que exerceram influência sobre ele. A quarta e última parte apresenta os escritos de Lobato à época, todos publicados em jornais em que ele era colaborador. Por fim, há uma conclusão que busca demonstrar como sua passagem pelas Arcadas foi essencial à sua formação intelectual.

2. Na Academia de Direito de São Paulo

2.1. A vida acadêmica¹²

2.1.1. 1º ano

Lobato matriculou-se na Academia de Direito em 13 de março de 1900. À época, os estatutos das Faculdades de Direito previam o curso dividido em cinco anos, com matrículas

¹¹ Para biografias de Monteiro Lobato, entre outras, cf. CAVALHEIRO, 1962 e AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997.

¹² Sobre a Faculdade de Direito de São Paulo entre 1900-1904, cf. VAMPRÉ, 1977, v. 2, p. 397-407 e MARTINS; BARBUY, 1999.



entre 1º e 15 de março – todos os alunos deveriam matricular-se anualmente, apresentando as certidões de aprovação do ano anterior¹³, bem como certidão de pagamento das taxas de matrícula anuais. As aulas ocorriam entre 15 de março e 15 de novembro¹⁴, no formato de preleções (aula oral) que duravam uma hora, em dias alternados, e duas vezes por mês havia exercícios práticos e de argumentação (as “sabatinas”); durante o ano letivo, não havia aulas nas quintas-feiras. Havia duas categorias de professores: os lentes catedráticos, responsáveis pelo ensino de determinada cadeira, e os lentes substitutos, que se encarregavam das cadeiras em que os catedráticos não pudessem lecionar. A frequência era controlada por um bedel, em um livro especialmente designado para tal; o aluno poderia faltar no máximo 39 vezes. Os exames¹⁵, realizados em duas épocas, compreendiam provas escritas (a portas fechadas, com duração de duas horas por disciplina), orais (públicas, com duração de 20 minutos) e práticas (em medicina pública e prática forense, com duração de 20 minutos), realizadas perante uma comissão julgadora composta pelos lentes que lecionaram no ano. Se aprovado em todas as disciplinas, o aluno recebia o grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, estando habilitado para a advocacia, magistratura e ofícios de justiça, e para os lugares do corpo diplomático e consular¹⁶.

No 1º ano, Lobato teve aula de Filosofia do Direito com Pedro Lessa¹⁷, um dos poucos lentes que lhe despertou interesse e cujas aulas ele havia adorado (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 44). Raphael Marques Cantinho Filho, seu colega de turma, considera que Lessa era o “tipo de jurista e filósofo, austero, talentoso e preparado. As suas aulas, sempre interessantes, eram ouvidas com grande prazer por todos os colegas, que se iniciavam, cheios de curiosidade científica, nos segredos das escolas filosóficas expostas pelo insigne mestre” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 12).

¹³ Havia exceção caso o aluno tivesse sido reprovado em apenas uma disciplina (art. 17 do decreto nº 2.226/1896).

¹⁴ Segundo Cantinho Filho (1934, p. 9), era costume os alunos faltarem entre 1º a 15 de junho a título de férias – era a chamada “greve de junho”.

¹⁵ Os exames eram realizados sobre pontos, que por sua vez estavam presentes nos programas das disciplinas. Os programas referentes aos anos de 1900 a 1904 podem ser consultados na biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

¹⁶ Decreto nº 2.226, de 1º de fevereiro de 1896; também vigiam o decreto nº 1.159, de 3 de dezembro de 1892, decreto nº 230, de 7 de dezembro de 1894 e lei nº 314, de 30 de outubro de 1895. Sobre o ensino jurídico no Império, cf. PESSO, 2023; na Primeira República, cf. PESSO, 2018.

¹⁷ Sobre ele, cf. VAMPRÉ, 1977, v. 2, p. 327-329, FERREIRA, 1928b, p. 89-90 e EDITOR, 1959. Para uma análise do seu pensamento jurídico, cf. LOPES, 2014. Esse livro de José Reinaldo de Lima Lopes também permite compreender o ambiente intelectual das Faculdade de Direito na virada do século XX, justamente quando Lobato estudou em São Paulo.



As outras disciplinas que cursou foram Direito Romano, com Frederico Abranches e José Ulpiano Pinto de Souza, e Direito Público e Constitucional, com Reinaldo Porchat e José Mariano Corrêa de Camargo Aranha. Lobato foi aprovado plenamente nas três cadeiras, sendo que apenas cinco estudantes foram reprovados nos exames (CANTINHO FILHO, 1934, p. 13-14).

Enquanto primeiranista, Lobato e os colegas tiveram que sobreviver ao trote, à época sob a forma de “vaías” – e todas as alcunhas que as acompanhavam: calouro, burro, ladrão de galinha, etc¹⁸. Entretanto, após resistência, conseguiram abrandar o trote e os ingressantes tiveram apenas que produzir discursos elogiosos aos veteranos junto à estátua de José Bonifácio, o Moço, e obter um “diploma de calouro”¹⁹ por cinco mil réis (CANTINHO FILHO, 1934, p. 11). Neste, o conselho de veteranos os declarava “bacharelados em ignorância, presunção e bestialogia e com jus a todas as prerrogativas que o presente documento vos confere, isto é, direito a não ter direito a cousa alguma” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 14-15).

Não obstante, o marasmo imperava na Academia. Na falta de uma organização, os calouros resolveram fundar uma própria, à qual deram o nome de “Arcádia Acadêmica”. Em sessão solene de 11 de agosto, data de fundação dos cursos jurídicos no Brasil, Lobato assumiu a tribuna e proferiu um discurso intitulado “Outrora e Hoje”²⁰, em que, em tom pessimista, realça a completa apatia em que a Faculdade se encontrava, principalmente após a realização dos ideais da Abolição em 1888 e da República em 1889. Tais ideias retornariam alguns anos mais tarde, como veremos.

2.1.2. 2º ano

No início de 1901, quando Lobato ingressou no 2º ano, sobreveio nova reforma do ensino²¹, cujas principais mudanças foram: alteração na grade curricular (transferiu cadeiras de um ano para outro e suprimiu outras); estabelecimento de aulas diárias (acabando, portanto, com o feriado de quinta-feira); início das aulas em abril; realização de prova prática e oral em medicina pública e em teoria e prática do processo civil, comercial e criminal (a arguição

¹⁸ Cf. NOGUEIRA, 1907, p. 266.

¹⁹ Tal diploma pode ser conferido em CANTINHO FILHO, 1934, entre p. 14 e 15.

²⁰ Publicada em *Arcadia Acadêmica*, São Paulo, nº 1, 11 de agosto de 1900, cf. LOBATO, 1961c, p. 25-29.

²¹ Decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901, e decreto nº 3.903, de 12 de janeiro de 1901. Sobre esta reforma, cf. CANTINHO FILHO, 1934, p. 17 e PESSO, 2018.



duraria até meia hora, mas na prática a reforma determinou um exame de vinte minutos para cada examinando); e marcação de lugares numerados nas aulas.

Como era de se esperar, a Reforma Epiácio Pessoa – como ficou conhecida por ter sido promulgada quando ele estava à frente da pasta responsável pela instrução pública – não foi bem recebida pelos estudantes. Tanto é assim que o apelidaram de “Ministro Prodígio” e sua reforma, de “parto laborioso de seu cérebro anarquizado”. Chegaram inclusive a encenar seu enterro, com direito a cortejo fúnebre, repique dos sinos da Igreja de São Francisco e queima do caixão (CANTINHO FILHO, 1934, p. 16-18). A nova reforma tampouco foi totalmente aceita pelo corpo docente, que muito discutiu na congregação sua implementação (VAMPRÉ, 1977, v. 2, p. 398-399).

As cadeiras desse ano²² foram Direito Internacional Público Privado e Diplomacia, com Camargo Aranha, José Bonifácio de Oliveira Coutinho e Dario Sebastião de Oliveira Ribeiro, e Direito Civil, com José Ulpiano. Dos 64 alunos matriculados, nenhum foi reprovado. Lobato foi aprovado plenamente nas duas cadeiras, com grau (nota)²³ 8 e 9, respectivamente.

Como os segundanistas eram responsáveis pelo trote dos novos ingressantes, nesse ano as “vaias” não ocorreram, sendo coerentes com o que ocorrera no ano anterior, em que opuseram resistência a elas. A Arcádia Acadêmica continuou em funcionamento e houve a eleição de duas novas diretorias ao longo do ano, sendo que na segunda foi eleito presidente José Bento Monteiro Lobato, que tomou posse em 11 de agosto e nela permaneceu até 15 de novembro²⁴. Nos festejos desse dia, novamente Lobato assumiu a tribuna e leu uma conferência sobre um assunto jurídico²⁵. Neste ano, a turma fundou dois periódicos: *Arcadia*, vinculado à Arcádia Acadêmica, e *Imprensa Acadêmica* (CANTINHO FILHO, 1934, p. 15-16 e 22-23). No mais, Lobato participou, junto com outros colegas, de manifestação em favor de Luiz Pereira Barreto²⁶ e esteve presente na recepção de Prudente de Moraes em São Paulo²⁷.

²² Cf. EDITOR, 1901.

²³ Instituído na nova reforma; graus 1 a 5 correspondiam a aprovação simples, 6 a 9 plena e 10 com distinção (art. 184 do decreto nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901).

²⁴ “Notícias Diversas – Onze de Agosto”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de agosto de 1901, p. 2 e AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 31.

²⁵ O assunto jurídico tratado não está especificado, cf. “Notícias Diversas – Onze de Agosto”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de agosto de 1901, p. 2.

²⁶ “Secção livre – Faculdade de Direito”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de maio de 1901, p. 3.

²⁷ “Prudente de Moraes”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 de outubro de 1901, p. 1.



2.1.3. 3º ano

Em 1902, as disciplinas²⁸ foram Direito Civil com José Ulpiano, Direito Criminal com Camargo Aranha e Direito Comercial com Brasília Augusto Machado de Oliveira e Frederico Vergueiro Steidel²⁹. Matricularam-se 56 alunos e nenhum foi reprovado nos exames; Lobato foi aprovado plenamente nas três cadeiras, todas com grau 8.

Neste ano, formou-se a primeira bacharela em Direito, Maria Augusta Saraiva – sua passagem pela Academia, contudo, não deixou muitos vestígios. Veio a São Paulo a artista francesa Gabrielle Réjane, que foi recepcionada pelos acadêmicos de Direito no Teatro Sant’Ana. Nas celebrações de 11 de agosto, ocorridas no Salão Steinway, diversamente do que ocorreu nos anos anteriores, Lobato não discursou (CANTINHO FILHO, 1934, p. 29-32). Sua atenção agora voltava-se cada vez mais para fora dos muros da Academia – o “Cenáculo”, um grupo de amigos estudantes (ou aspirantes a estudante) de Direito, ocupava-lhe cada vez mais tempo (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 54). Talvez por isso a Arcádia Acadêmica, associação que Lobato presidiu a partir de agosto de 1901, não teve seguimento. Neste ano, ele compôs a comissão de alunos da FDSP que seguiu para o Rio de Janeiro para recepcionar o Barão do Rio Branco³⁰. No mais, nesse ano também ocorreu o falecimento do diretor, Barão de Ramalho.

2.1.4. 4º ano

Em 1903, as cadeiras³¹ cursadas foram Direito Civil com Antônio Dino da Costa Bueno, a quem Raphael Marques Cantinho Filho reconhece como “jurista emérito e notável professor”, cuja “linguagem tersa e castigada no mais puro vernáculo, vestia a ideia com nitidez e clareza inigualáveis” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 39). Lobato não teve a mesma impressão; discorrendo sobre seus tempos de estudante, diz ele:

Fiz, diria mais tarde, ato de presença na Academia, no “quantum satis” para obter diploma – mas está claro que em vez de aproveitar o miolo dos meus lentes, aproveitei-

²⁸ Cf. EDITOR, 1902.

²⁹ Neste ano, Steidel promoveu um concurso de teses entre os alunos, vencido por Luiz Pereira de Campos Vergueiro (CANTINHO FILHO, 1934, p. 110).

³⁰ “Barão do Rio Branco”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1902, p. 1.

³¹ Cf. MONTEIRO, 1903.



lhes as caras, como modelos vivos das minhas caricaturas^[32]. Lembro-me dum exemplar dos “Direitos e Obrigações”, dum cacetíssimo Lacerda de Almeida, que illustrei inteirinho nas aulas do insigne mestre Dino Bueno. Foi de todos os meus lentes o mais amado – como modelo. Sua feiura proporcionava-me os melhores desenhos. Durante um ano letivo trabalhei nessas ilustrações uma hora por dia – a hora em que o insigne mestre enchia de ciência a cabeça dos meus colegas. Não ficou uma só margem em branco, nenhum final de capítulo. Onde cabia um desenho, uma caricatura de colega ou uma “careta do Dino”, para lá ia o gatafunho. Nas páginas em branco do começo e do fim, construí desenhos grandes e complexíssimos: projetos de monumentos! O principal era em homenagem à Peroba – rija madeira de lei de sabor amargo. A minha ideia sobre todos aqueles professores devia ser que não passavam duns “perobas” (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 44).

Para ele, os únicos que se salvavam eram Pedro Lessa e Almeida Nogueira, “artisticamente inteligentes” e que foram seus professores no 1º e 4º ano, respectivamente. No entremeio, teve que se contentar com as aulas maçantes e os compêndios (manuais) entediantes dos professores “perobas” (isto é, chatos).

Ele cursou Direito Comercial, especialmente Direito Marítimo, Falência e Liquidação Judicial, com Frederico Vergueiro Steidel, que sempre chamava à lição dois alunos por dia (CANTINHO FILHO, 1934, p. 35)³³ – isto é, dois alunos se enfrentavam utilizando argumentos jurídicos. Essa é a possível razão pela qual ele responde a uma carta do amigo Godofredo Rangel “ainda com os dedos trôpegos dum interminável ponto de Direito de Falências que acabo de copiar” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 33). Tal afirmação é interessante porque nos permite inferir que os estudantes daquela época estudavam os pontos do programa da cadeira através da cópia³⁴ – de algum livro (possivelmente o compêndio adotado pelo lente) ou das anotações de outro colega; outra hipótese é a de que Lobato estava atrasado com a matéria e passava a limpo suas anotações.

As outras cadeiras cursadas foram Direito Criminal, especialmente Direito Militar e Regime Penitenciário, com Camargo Aranha e Economia Política, Ciência das Finanças e

³² Em Vampré (1924, v. 2, p. 437) há um exemplo de caricaturas de lentes (Justino de Andrade e Antônio Carlos) feitas por Raul Pompéia, que estudou na FDSP entre 1881 e 1883 (transferiu-se para o Recife e lá concluiu o curso em 1885), o que mostra que as aulas enfadonhas e a realização de caricaturas para passar o tempo eram anteriores a Lobato. Curiosamente, as caricaturas de Pompeia foram feitas, justamente, na capa das teses para concurso de 1878 defendidas por Dino Bueno, o modelo *par excellence* de Lobato.

³³ Os mais visados eram os alunos que sentavam na primeira fileira, o “banco da música” na gíria acadêmica (CANTINHO FILHO, 1934, p. 107 e NOGUEIRA, 1910, v. 8, p. 262, nota 1).

³⁴ Era comum a os estudantes fazerem apostilas (também chamadas de postilas ou cadernos), em que eles tomavam notas nas aulas dos professores (por vezes taquigrafavam-nas) e depois faziam-nas circular entre os colegas na época de provas. Segundo Cantinho Filho, “copiadas e recopiadas nos tais ‘cadernos’ as lições se transformavam em uma verdadeira moxinifada” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 116, grifo no original).



Contabilidade do Estado com José Luiz de Almeida Nogueira³⁵. Sobre este, Lobato afirma nunca ter perdido uma palavra (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 44), e Cantinho Filho corrobora a boa impressão:

um dos professores que mais agradável impressão deixou no nosso espírito. Fino, culto, elegante, de estilo apurado, espirituoso, era um verdadeiro artista da palavra. As suas preleções tinham tanto de instrutivas, quanto de atraentes, e era com sincera mágoa que os seus alunos ouviam o sinal do fim da aula, tal a magia da palavra do mestre (CANTINHO FILHO, 1934, p. 40).

Lobato parece não ter compartilhado da prática – muito comum – da “cola” (principalmente nos exames escritos), uma vez que no 4º ano foi aprovado simplesmente, obtendo grau 5 em Direito Civil, Direito Criminal e Economia Política e grau 4 em Direito Comercial. Este resultado pode ser fruto do pouco apreço que ele dava ao assunto, pois escreve a Rangel: “amanhã, sábado, entro em exame oral e estou com os minutos contados, a recordar definições e textos desta horrível seca que é a ‘matéria’” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 27), bem como ao maior envolvimento com outras atividades³⁶. Neste ano, matricularam-se 61 alunos e nenhum foi reprovado nos exames de 1ª e 2ª época.

Foi um ano movimentado para os alunos: em abril trataram da fundação de um Congresso Acadêmico, em setembro foram ao Rio de Janeiro recepcionar o avião Santos Dumont, mas foi em agosto que ocorreu o fato mais notável – a fundação do Centro Acadêmico 11 de Agosto, associação cujo objetivo era congregar os estudantes de todos os anos do curso jurídico³⁷. No mesmo dia de sua constituição e posse da primeira diretoria eleita, foi distribuído o primeiro número de *O Onze de Agosto*, revista filiada ao Centro Acadêmico. Sua Comissão de Redação, também eleita³⁸, era composta por Pedro Dória, Monteiro Lobato, Paulo Sampaio, Armando Rodrigues e Lino Moreira (CANTINHO FILHO, 1934, p. 33-34 e 36-38). Nesta edição, Lobato publicou o artigo “A Fuga dos Ideais”³⁹, em que retoma as ideias esposadas no discurso de 1900: o marasmo e a aridez dos grêmios estudantis, principalmente após o 13 de maio e o 15 de novembro, e conclui afirmando que “atualmente só vemos um ideal bastante generoso, bastante amplo para acolher em seu seio tudo quanto a mocidade tiver de mais

³⁵ Sobre ele, cf. VAMPRÉ, 1977, v. 2, p. 351-354, FERREIRA, 1928b, p. 92-93 e PESSO, 2021, p. 141, n. 11.

³⁶ Era o auge do seu envolvimento com o grupo do Minarete (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 45).

³⁷ Sobre sua fundação, cf. MACHADO JÚNIOR, 2006, v. 1. Sobre o Centro Acadêmico 11 de Agosto, cf. SCHUBSKY, 2003.

³⁸ Cf. primeiro estatuto da associação, em MACHADO JÚNIOR, 2006, v. 1, p. 230-242.

³⁹ Publicado em *O Onze de Agosto*, nº 1, de 11 de agosto de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 117-119.



superiormente generoso, de mais finamente intelectual, de mais grandiosamente altruísta – o socialismo” (LOBATO, 1961c, p. 117-119). Nos números subsequentes da revista, Lobato publicou “Crônicas teatrais”⁴⁰ sob o pseudônimo de Lobatoyewsky; no ano seguinte, não participou da Comissão e não divulgou nenhum texto no periódico.

Em reunião do Centro Acadêmico em 3 de setembro, Lobato foi eleito representante da Faculdade junto à revista *Educação*⁴¹, em que havia publicado o texto “D’après nature” dentro da seção do *Jornal da Infância*⁴². Em 11 de novembro, reuniram-se os estudantes sob a presidência de Lobato⁴³ e foi lido um manifesto parlamentarista, publicado no *O Estado de S. Paulo* em 15 do mesmo mês⁴⁴, em que defendiam a implementação de tal sistema no Brasil.

Por fim, neste ano Lobato também começou a colaborar com os jornais *O Combatente* em São Paulo, *Minarete* em Pindamonhangaba, e *O Povo*, em Caçapava, publicando artigos de fundo, crítica, contos, crônicas, etc. Além disso, o vínculo com os colegas do Cenáculo estreitou-se, principalmente em função de sua nova moradia: o Minarete. Voltaremos a esse assunto quando tratarmos de sua vida social.

2.1.5. 5º ano

No 5º ano, as disciplinas⁴⁵ estudadas foram Teoria e Prática do Processo Civil, Comercial e Criminal com João Mendes de Almeida Júnior e Raphael Corrêa da Silva, Ciência da Administração e Direito Administrativo com Manoel Pedro Villaboim e Dario Sebastião de Oliveira Ribeiro, Medicina Pública com Antônio Amâncio Pereira de Carvalho e Legislação Comparada do Direito Privado com Ernesto Moura e José Ulpiano Pinto de Souza. Matricularam-se 62 alunos e nenhum foi reprovado nos exames⁴⁶; Lobato foi aprovado plenamente nas quatro cadeiras, com grau 8 em Teoria e Prática do Processo e Legislação Comparada e grau 7 em Direito Administrativo e Medicina Pública.

⁴⁰ *O Onze de Agosto*, nº 2 (?), de 31 de agosto de 1903; *O Onze de Agosto*, nº 3, 16 de setembro de 1903; e *O Onze de Agosto*, nº 4, 30 de outubro de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 123-132.

⁴¹ “Faculdade de Direito”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 de setembro de 1903, p. 2.

⁴² *Jornal da Infância*, S. Paulo, ano II, n. 11, 21 de abril de 1903, p. 2-4 [localizado no acervo CEDAE]. Pode ser lido em BIGNOTTO, 2007.

⁴³ Serviram de secretários da reunião Luiz Vergueiro e Valdomiro Magalhães, cf. “Notícias diversas - Manifesto”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 de novembro de 1903, p. 2.

⁴⁴ Cf. “Manifesto á mocidade brasileira”, *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 de novembro de 1903, p. 3.

⁴⁵ Cf. EDITOR, 1904 e EDITOR, 1905.

⁴⁶ À época, dificilmente se reprovava no 5º ano e os próprios lentes os chamavam de “jovens colegas” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 40), em alusão à iminente colação de grau.



Nas comemorações de 11 de agosto, inaugurou-se o novo estandarte da Faculdade (o antigo era de 1874). Em outubro, a revista *O Onze de Agosto* organizou um concurso literário, com júri composto por Silvio de Almeida, Garcia Redondo e Amadeu Amaral. Lobato obteve o 1º lugar na categoria conto com “Gens ennuyeux”⁴⁷; o 2º lugar ficou com Edgard Jordão, autor de “O Minuete”. Na categoria de versos, venceu Ricardo Gonçalves com “Mimo de caçador”⁴⁸ e em 2º lugar ficou Jayme Villas-Boas Sobrinho com “Um beijo de gelo” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 44). Dos quatro, apenas esse último não pertencia ao Cenáculo. Lobato continuava a colaborar em *O Combatente*, *Minarete* e *O Povo*.

Neste ano faleceu o diretor da Faculdade, João Monteiro. Lobato foi eleito para discursar em nome dos quintanistas e assim o fez⁴⁹. Suas qualidades oratórias foram novamente reconhecidas quando foi escolhido – por quase unanimidade – para ser o orador da turma de 1904, proposta que ele declinou; em seu lugar, discursou seu amigo Edgard Jordão, vencedor da nova eleição para a posição (CANTINHO FILHO, 1934, p. 45-46). Atribui-se à excessiva modéstia de Lobato o fato de ter recusado ser o orador da turma, mas há outra hipótese: talvez ele não quisesse se indispor com os lentes – o discurso de Edgard Jordão⁵⁰, em que criticou a Igreja, fez com que o Bispo de São Paulo e toda a congregação de lentes se retirasse da sessão solene de formatura. A reação não tardou; na vez do paraninfo, o professor Camargo Aranha, este iniciou seu discurso dizendo: “Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 52 e 60)⁵¹. Lobato e seus colegas colaram grau em 15 de dezembro de 1904.

2.2. A vida social

Estudar Direito em São Paulo não se resumia a assistir aulas e prestar exames. Havia uma intensa vida social que se passava fora dos muros da Academia – fosse em atividades que envolvessem apenas acadêmicos de Direito, fosse em atividades que abarcassem toda a

⁴⁷ Posteriormente publicado em *Cidades Mortas*.

⁴⁸ Esta poesia foi publicada no livro póstumo *Ipês: versos* (1921), cf. GONÇALVES, 1921, p. 71-72. Quando a Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo foi fundada em 1932 (até hoje existente), Ricardo Gonçalves foi escolhido para ser o patrono de uma das 25 cadeiras.

⁴⁹ *Correio Paulistano*, São Paulo, 18 de novembro de 1904, p. 1. O discurso foi publicado em *Correio Paulistano*, São Paulo, 20 de novembro de 1904, p. 1.

⁵⁰ Cf. CANTINHO FILHO, 1934, p. 47-60. Mesmo tendo recusado a oferta, Lobato colaborou com a confecção do discurso de Edgard Jordão (CAVALHEIRO, 1962, p. 91-92).

⁵¹ Sobre esse episódio da formatura de 1904, cf. LÔBO, 1953, p. 123-131.



população paulistana. Com efeito, ao longo do século XIX a cidade se convertera em verdadeiro “Burgo de Estudantes”⁵².

Na virada do século XX, São Paulo possuía por volta de 400 mil habitantes e vivia um período de transição – o antigo e o novo andavam lado a lado e a pequena vila colonial de outrora ainda não havia se convertido na metrópole de arranha-céus⁵³. A “libérrima vida estudantina de S. Paulo” (LOBATO, 1955b, p. 84) da *Belle Époque* convidava a toda sorte de distrações e divertimentos. Assim descreve Cantinho Filho a vida social à época:

O Triângulo, era o passeio predileto e forçado, do centro da cidade. Às Quintas e Domingos, concerto musical pela Banda da Força Pública, no jardim do Largo do Palácio. O Progredior, confeitaria estabelecida ao lado da Casa Garraux, na rua 15 de Novembro, possuía a sua orquestra. Como ponto de reunião certo, dos estudantes, tínhamos o Café Guarany. Havia também as confeitarias Castellões e Fasoli, na Praça Antônio Prado. Nada de cinemas. Aos Domingos, corridas de bicicletas, no Velódromo, à rua da Consolação. De tempos em tempos, algumas boas companhias, no Teatro Sant’Ana, à rua da Boa Vista. No Teatro Politeama, ao fim da Ladeira São João, café-concerto, com números de variedade. Como sociedade dançante tínhamos a Sociedade Concordia, a qual reunia toda a mocidade de época (CANTINHO FILHO, 1934, p. 7-8).

“Fazer o Triângulo” era expressão corrente e significava percorrer o triângulo formado pelas ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento, e o ponto central – a “capital” – era o Largo do Rosário, em que diversas rodinhas (literárias, esportivas, elegantes, etc.) de amigos se encontravam: “depois do jantar toda gente ia fazer o Triângulo, e lá todo mundo encontrava todo mundo”, dizia Lobato (1955b, v. 1, p. 36) mais tarde. Nesta “sala de visitas” da cidade havia lojas chiques, cafés, confeitarias, livrarias, bancos e escritórios. O ponto de encontro predileto de Lobato e amigos era o Café Guarani, no começo da 15 de Novembro, onde bebericavam “laranjinhas” e fumavam seus cigarros até tarde, chegando a possuir uma mesa “própria” (a primeira da entrada, à direita) (LOBATO, 1955b, v. 1, p. 36 e LOBATO, 1961c, p. 41).

O Café Guarani, em cujo prédio também se localizava a sede do Centro Acadêmico 11 de Agosto a partir de 1903 (MACHADO JÚNIOR, 2006, v. 1, p. 225), passou a ser o local dos encontros diários do Cenáculo. Tal grupo possuía como fator de agrupamento uma vaga ideia de socialismo e um mesmo sentimento: o amor à arte (LOBATO, 1955b, v. 1, p. 27). Compunham-no, nos dizeres de Lobato, Ricardo Gonçalves (o poeta), Albino Camargo Neto (o

⁵² Expressão retirada de BRUNO, 1954. Para a relação dos estudantes com a cidade, do ponto de vista literário, cf. CANDIDO, 2014.

⁵³ Cf. CANTINHO FILHO, 1934, p. 7.



filósofo), Cândido Negreiros (o dileitante), Raul de Freitas (a alma), Godofredo Rangel (o talento), Tito Lívio Brasil (o jornalista), Lino Moreira (o orador), Monteiro Lobato (o crítico) e, mais tarde, Júlio Costa (o espírita) e José Antônio Nogueira (o místico) (LOBATO, 1961c, p. 149). Além desses, participavam do círculo Artur Ramos (um adido do Cenáculo) e Edgard Jordão (que não teve tempo hábil para integrar-se) (LOBATO, 1955b, v. 1, p. 27)⁵⁴. O grupo era formado por estudantes de diferentes anos do curso⁵⁵, o que não era de todo incomum – por exemplo, é conhecido o caso da tríade de amigos Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo, que ingressaram na Academia em 1846, 1847 e 1848, respectivamente (CANDIDO, 2014, p. 164).

Outro espaço que o Cenáculo frequentava era o Minarete, uma república de estudantes na rua 21 de Abril, em frente à Cesário Alvim, no bairro do Belenzinho, que passou a ser a morada de Godofredo Rangel, Ricardo e Lobato. Vendo a semelhança do chalé amarelo⁵⁶ com uma torre, Ricardo achou que parecia com um minarete de uma mesquita, e o nome pegou. Ficava no centro de um terreno de chácara – a rua era sem calçamento e as laranjeiras, ameixeiras e outras árvores davam um ar bucólico ao local, distante três quilômetros do Triângulo. Lobato e os amigos ocupavam os dois quartos da parte de cima, pagando vinte mil réis por eles. Havia duas inscrições nas paredes: “Aqui só se come pão do espírito” – para espantar os “penetras” que iam apenas na hora da gemada – e “As visitas dos profanos só podem durar dez minutos”. Eles chegaram até a compor um Hino do Minarete⁵⁷ e tinham uma saudação

⁵⁴ E Sebastião Sampaio (LOBATO, 1961a, p. 208). Sobre os membros do Cenáculo, ver também LOBATO, 1955b, t. 1, p. 25-27. A criação do Cenáculo foi registrada por Lobato em LOBATO, 1961c, p. 149-151. Também se apelidaram jocosamente de “Cainçalha”: “Ricardo era o Cão que Ladra à Lua. Raul, o Cão de Colo. Rangel, Cachorrinho de Caipira. Lobato, Buldogue. Lino Moreira, Cão que Ladra e não Morde. Tito Brasil, Cachorro. Nogueira, Cão de Frade. Albino de Camargo, o Cunegundes (um cão de rua que nessa época vivia em S. Paulo, pelos cafés) - e por aí além” (LOBATO, 1955c, p. 8, nota 9). Uma foto do grupo pode ser vista em LOBATO, 1955b, t. 1. Para mais informações sobre o Cenáculo, cf. BARBOSA, 2002.

⁵⁵ Cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 84, nota 7.

⁵⁶ Lobato pintou o Minarete em aquarela, cf. LOBATO, 1955b, t. 1.

⁵⁷ “Dé brin o dé bran / Cabussaran / Dou fenestron / De Minaron / Dedins lou Tetiose”. A letra foi inspirada em um hino presente no *Tartarin de Tarascon*, de Alphonse Daudet, com mudança nos dois últimos versos em relação ao original; a música foi composta por Rangel (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 24).



própria para receber os visitantes do Cenáculo⁵⁸ (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 21-25 e CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 58-62)⁵⁹.

Antes do Minarete, Lobato havia residido em várias localidades diferentes⁶⁰. A vida em república ou pensões era comum àquela época, e os estudantes procuravam reunir-se de acordo com sua origem regional ou seus interesses comuns – por exemplo, alguns colegas da turma de Lobato constituíram a “república do norte”. Tais moradias promoviam festas e confraternizações, principalmente formatura de algum dos moradores (CANTINHO FILHO, 1934, p. 94 e 122-123).

Várias eram as atividades populares entre os estudantes de Direito. A música ocupava um lugar especial, fosse tocando instrumentos ou apreciando-a de longe, fosse dançando em bailes ou organizando serenatas. Estas, por sua vez, ocorriam nos muitos momentos de namoro entre os acadêmicos e as jovens da capital, o que por vezes acabava em casamento. Lobato mesmo não deixava de flertar com as jovens, e auxiliava quem vinha pedir ajuda no assunto⁶¹ – no 5º ano, ele recebeu o seguinte bilhete de uma vizinha fronteira: “Adeus, meu anjo, meu eterno amor, meu galinho de alecrim; lembra-te sempre daquela que no fundo desta cidade, noite e dia, o coração palpita por TI” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 71). Contudo, sua verdadeira paixão nos tempos de estudante foi Lucilia Simões, artista que se apresentava nos teatros de São Paulo⁶².

A paixão pela atriz e pelo teatro misturavam-se – segundo Cantinho Filho, Lobato, “estudante sentimental e platônico”, frequentava assiduamente o Teatro Sant’Ana, onde

⁵⁸ “Cada vez que lá no portão soava o hino, o muezin que estivesse em casa aprecia à janela e saudava o visitante com o ‘Vé!’ dos tarasconeses.

- *Vé*, Costecalde! ou *Vé*, Bompard!

E o Costecalde ou o Bompard respondia lá de baixo com o ‘*Té!*’

- *Té*, Bezuquet! ou *Té*, Tartarin!” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 24-25, grifos no original).

⁵⁹ Lobato também relembra do Minarete no prefácio que escreveu à obra *Ipês*, do amigo Ricardo Gonçalves (GONÇALVES, 1921, p. 5-13).

⁶⁰ Segundo Edgar Cavalheiro (1962, v. 1, p. 43), ele “reside por algum tempo numa república da Rua Conselheiro Furtado, passa depois para a Ladeira do Riachuelo, desta para a Alameda dos Andradas, n° 76, pensão de uma família taubateana; mais tarde está na Rua José Bonifácio ou no Largo do Palácio, num velho sobradão, indo finalmente para o Cambuci, mas mudando-se logo em seguida para a Rua Araújo até descobrir o ‘Minarete’”. No Largo do Palácio ele residiu junto com Carlos Nehring (LOBATO, 1955c, p. 199).

⁶¹ Benjamin Pinheiro, seu colega na república da Alameda dos Andradas, pediu-lhe auxílio no começo do curso: ele recebia as cartas da namorada de Pindamonhangaba e Lobato as respondia (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 64).

⁶² Segundo Cantinho Filho (1934, p. 106), “foi uma paixão platônica e exaltada. O quarto de estudante do Lobato, ali no 3º andar de um velho prédio, sito em frente à Polícia Central, era uma ‘*capela votiva*’. Retratos os mais variados, tirados de revistas e jornais, todos emoldurados com vinhetas artísticas que o Lobato pintava com carinho, vestiam as paredes, para que o apaixonado. pudesse, nas suas preces platônicas, ter sempre em mente a imagem suspirada! Fantasias de estudante! Bons tempos que já lá vão!” (grifos no original).



inclusive “tinha o seu nome gravado a canivete no seu lugar habitual no... ‘galinheiro’” (CANTINHO FILHO, 1934, p. 106, grifo no original). O teatro também era muito apreciado pelos estudantes em geral, que assistiam a peças regularmente e chegavam até a encená-las eles mesmos⁶³.

Ainda, outras práticas voltadas ao entretenimento eram comuns: joguinho de dados, corrida de sacos, pôquer, assistir a corridas de cavalos no Jóquei Clube, excursões a pé pela cidade e até mesmo a boêmia (CANTINHO FILHO, 1934, p. 27, 83, 87, 92, 94 e 111). Outra atividade popular era a prática de esportes – em especial o futebol, recém-chegado ao Brasil e que ganhava cada vez mais popularidade. Em 1904, o Centro Acadêmico e o Grêmio Politécnico organizaram um *match de foot-ball* em favor do abolicionista José do Patrocínio, que se achava enfermo e enfrentava dificuldades financeiras, levando os *teams* da Faculdade de Direito e da Escola Politécnica a se enfrentarem pela primeira vez⁶⁴ (CANTINHO FILHO, 1934, p. 44). O novo esporte também empolgou Lobato (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 88-89), que no 5º ano escreveu a Godofredo Rangel:

(...) defronte há uma vizinha janeleira que já piscou. Em vez de namorá-la, meti-me pelo futebol – Palmeiras⁶⁵. Joguei vários dias seguidos e fiquei mais derreado que com as léguas do sertão. Estou cheio de pisaduras e dodóis (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 63)⁶⁶.

A política – de dentro e de fora da Academia – também ocupava o tempo dos estudantes, principalmente após a fundação do Centro Acadêmico 11 de Agosto, cujas eleições eram sempre muito disputadas. Ainda que Lobato não tenha demonstrado interesse por este tipo de atividade, vimos como ele era reconhecido pelos colegas como bom orador⁶⁷, tendo inclusive sido eleito para proferir o discurso na formatura (o que ele declinou).

No mais, alguns estudantes dedicavam-se à imprensa, fosse a geral ou a acadêmica (publicada por e para os alunos da Faculdade); antes de ingressar nas Arcadas, Ricardo era repórter do *Correio Paulistano* (LOBATO, 1955b, t. 1, 22). Lobato e os amigos também

⁶³ Cf. MACHADO JÚNIOR, 2006, v. 1, p. 254-256.

⁶⁴ “José do Patrocínio”, *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 14.782, 6 de outubro de 1904.

⁶⁵ Possivelmente a “Associação Atlética das Palmeiras”, fundada em 1902. Posteriormente seria um dos clubes a fundir-se com outros e dar lugar ao São Paulo Futebol Clube em 1930, até hoje existente (STREAPCO, 2016, p. 107-144).

⁶⁶ E ele continua: “O futebol empolgou-me de alma e corpo; escrevo crônicas de futebol e jogo. (...) asseguro-te que o futebol apaixonou e contunde” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 63).

⁶⁷ Conta Cantinho Filho (1934, p. 105) que “certa vez, em um almoço qualquer, pediram-lhe com insistência, que fizesse um discurso. Levantou-se fingindo grande comoção, disse algumas palavras e... Parou. Depois, com a mais absoluta fleuma, tomando de um caroço de azeitona, que se achava sobre a mesa, exibiu o aos convivas, e fez uma verdadeira conferência sobre ... o caroço! Foi naturalmente um sucesso”.



participaram ativamente na imprensa, colaborando em pelo menos três jornais: o *Minarete*, *O Povo* e *O Combatente*.

Como forma de congregar os estudantes em torno destes interesses comuns, a criação de associações acadêmicas também era muito popular, como vimos. Havia também associações secretas como a *Burschenschaft*⁶⁸, apelidada de “Bucha”, mas de que Lobato não deve ter tomado parte, pois no futuro escreveria: “Lembras-te da Bucha, na Academia, com todos aqueles panos pretos e caveiras, túbias e círios? Eu ri-me sem querer. Caveiras, túbias: calcáreos inofensivos!” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 219).

2.3. As leituras

Monteiro Lobato era um leitor voraz desde a infância, chegando a passar horas na biblioteca do seu avô apenas a folhear os livros. Tal biblioteca pertencera a Francisco Alves Monteiro Neto, meio-tio materno de Lobato, e havia sido constituída quando este viajou pela Europa (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 18, nota 5)⁶⁹. Quando por lá faleceu, os livros vieram a Taubaté (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 51-52). Assim Lobato a descreve a Godofredo Rangel em 1904:

A biblioteca de meu avô é ótima, tremendamente histórica e científica. Merecia uma redoma. Imagina que nela existem o *Zend-Avesta*, o *Mahabarata* e as obras sobre o Egito de Champollion, Maspero e Breasted; e o Larousse grande; e o Cantú grande; e o Elysée Reclus grande; e inúmeras preciosidades nacionais, como a coleção inteira da *Revista Ilustrada* do Ângelo Agostini, a do *Novo Mundo* de J. C. Rodrigues e mais coisas assim. Há uma coleção do *Journal des Voyages* que foi o meu encanto de menino. Cada vez que naquele tempo me pilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava.

(...) romances de aventuras de Gustave Aimard e Mayne Reid. (...) Também encontrei lá todas as obras de Spencer (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 50-51).

A leitura, principalmente de literatura, já na adolescência se fazia presente: enquanto se preparava para os exames preparatórios, leu José de Alencar, Coelho Neto⁷⁰, Alexandre

⁶⁸ Sociedade secreta, filantrópica e liberal, fundada no século XIX por Júlio Frank, professor do curso anexo à FDSP. Reunia alunos e lentes da Faculdade e atuou ativamente nos acontecimentos do país até a Revolução de 1930 (SCHMIDT, 2008 e BANDECCHI, 1982).

⁶⁹ Era formado em Direito em São Paulo (1881). Pegou tifo em Roma (Itália) e voltou para Paris, donde pretendia embarcar para o Brasil, mas lá faleceu em 5 de março de 1883 (informações de Osni Lourenço Cruz).

⁷⁰ Posteriormente dedicaria a ele e a Arthur Neiva seu livro *O choque das raças ou o presidente negro* (LOBATO, 1926).



Herculano, Catulle Mendès, Alphonse Daudet, Joaquim Manuel de Macedo e Miguel de Cervantes (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 34 e LOBATO, 1961a, v. 1, p. 50).

Tal atividade continuou nos cinco anos que esteve em São Paulo a frequentar a Academia de Direito, intensificando-se quando ia passar férias em Taubaté. Em dezembro de 1903, escreve a Rangel: “Leio, leio interminavelmente. Meus olhos já estão cansados” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 40) e em janeiro do ano seguinte: “Li 1500 páginas de Lamartine e estou saturado. Mais tarde te contarei a minha doença: *delirium legens*, espécie de *delirium tremens* dos bêbados. Leio tanto, que quando vou para a cama meu cérebro continua a ler maquinalmente” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 47).

Por meio da correspondência com Godofredo Rangel podemos fazer um levantamento, senão exaustivo, ao menos significativo do que Lobato leu em seus dois últimos anos no curso jurídico⁷¹. O contato com tais autores influenciou o que escrevia à época e o que viria a escrever, bem como enformou sua visão de mundo.

Em 1903⁷², Lobato leu ou demonstra já ter tido contato com Alexandre Herculano (*Lendas e Narrativas*), Alphonse Daudet (*Robert Helmont*), Friedrich Nietzsche, Louis Veuillot, Alphonse de Lamartine, Émile Zola (*L'Assommoir*), Jules Michelet, Ernest Renan, Oliveira Martins e Eça de Queirós (*Vidas de Santos*).

Em 1904⁷³, Lobato leu ou demonstra já ter tido contato com Graça Aranha (*Canaã*), Harriet Beecher Stowe (*A Cabana de Pai Tomás*), Madame de Staël, Machado de Assis (*Brás Cubas*), Guy de Maupassant (*Bel Ami*, *Notre Coeur*, *Mont-Oriol*, *Pierre et Jean* e *Toine*), Pierre Loti, Dostoiévski, Rudyard Kipling, Montaigne, Eurípedes, José Soriano de Souza, Arthur Goulart (*Dez contos*), François-René de Chateaubriand, Johann Wolfgang von Goethe (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* e *Fausto*⁷⁴), Stendhal (*Le rouge et le noir* e *La chartreuse de Parme*), Shakespeare (*A Tempestade*), Nicolau Maquiavel, Horácio, Virgílio, Volney, Lord Byron, Maurice Maeterlinck, Hippolyte Taine (*História da Literatura Inglesa* e *Ensaio de crítica e história*), Victor Hugo, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Gustave Le Bon (*Psicologia do Socialismo*), Olavo Bilac, Theodore Roosevelt (*Vida Intensa*),

⁷¹ Uma lista de autores citados em *A Barca da Gleyre* entre 1903 e 1917 pode ser encontrada em SPAGNOLI, 2014, p. 156-177. A autora colaciona todos os autores mencionados, sem fazer distinção se foram lidos ou não; em nosso levantamento, utilizamos apenas os autores que Lobato diz ter lido ou sobre o qual demonstra conhecimento. Não obstante, Camila Spagnoli levanta uma dúvida legítima: “será que Monteiro Lobato lia tudo aquilo que conta em cartas ou apenas conhecia títulos (...)?” (SPAGNOLI, 2014, p. 35).

⁷² Cf. LOBATO, 1955b, t. 1, p. 21-42 e SPAGNOLI, 2014, p. 156.

⁷³ Cf. LOBATO, 1955b, t. 1, p. 45-86 e SPAGNOLI, 2014, p. 156-158.

⁷⁴ Na tradução de Gérard de Nerval (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 55).



Arnaldo Simões Pinto, Gustave Flaubert, Immanuel Kant, Augusto Comte, Adrien Delpech (*Roman Brésilien*), Marcel Prévost, Ésquilo e Ralph Waldo Emerson (*Representative Men*), além dos já mencionados Alphonse Daudet (*Sapho, O nababo, Tartarin de Tarascon, Jack e Le Petit Chose*), Alphonse de Lamartine, Émile Zola (*Travail*), Machado de Assis, Eça de Queirós, Alexandre Herculano, Friedrich Nietzsche (*Assim Falou Zaratustra e Gaya Scienza*)⁷⁵, Oliveira Martins (*Teoria do Socialismo*), Ernest Renan e Álvares de Azevedo (*Noite na Taverna*). No mais, ele aponta também ter tido contato com o *Tratado das Couves*, um *Boletim da Agricultura* e o *Relatorio sobre os Filtros Rápidos*, do Dr. Ferreira Ramos.

É certo que Lobato não possuía a obra de todos esses autores; ele teve que adquirir a obra de seu filósofo preferido no exterior, ao que reclama a Rangel: “Não há Nietzsches nas livrarias desta Zululândia” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 65). Nesta esteira, algumas eram as estratégias utilizadas pelos acadêmicos para driblar a falta de livros: podia-se recorrer à biblioteca da própria Faculdade de Direito, cujo acervo de livros jurídicos e não-jurídicos era considerável⁷⁶. Outra prática era a compra de obras em livrarias⁷⁷ e sebos⁷⁸, sendo que os estudantes mais abastados constituíam uma biblioteca particular, como parece ter sido o caso de Monteiro Lobato⁷⁹. Havia também o costume popular de trocar e emprestar livros entre si⁸⁰ – era o caso de Lobato e Rangel, que enviavam exemplares um ao outro junto às cartas que trocavam –, presentear aos amigos próximos ou simplesmente “filá-los” (CANDIDO, 2014, p. 161).

Em todo o caso, percebe-se que a atenção de Lobato se dividia entre escritores dedicados especialmente à Literatura e à Filosofia, com predileção por autores de língua portuguesa e francesa⁸¹, bem como algum contato com autores de língua inglesa. Além disso, ele transitava entre autores clássicos, como Horácio e Virgílio, e autores contemporâneos e conterrâneos, como Machado de Assis e Olavo Bilac. Vale ressaltar que muitos desses autores já lhe eram

⁷⁵ Na tradução de Henri Albert (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 56).

⁷⁶ Para o catálogo da biblioteca, cf. FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO, 1887.

⁷⁷ Sobre o comércio livreiro e a Faculdade de Direito de São Paulo, cf. HALLEWELL, 2012, p. 333-344.

⁷⁸ À época, era conhecida a “Livraria Economica” de A. Gazeau, que Lobato frequentava (CANTINHO FILHO, 1934, p. 80, LOBATO, 1955b, t. 1, p. 162, e *Correio Paulistano*, 15 de março de 1902, p. 5, e 16 de dezembro de 1904, p. 5).

⁷⁹ Antes da morte dos pais, Lobato lutava com dificuldades financeiras (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 27-28). Após passar à tutela do avô, sua condição financeira melhorou a ponto de conseguir adquirir livros regularmente.

⁸⁰ Lobato leu Canaã de Graça Aranha num exemplar do amigo Cândido Negreiros, de quem foi colega de república (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 29 e 52). Antonio Candido lembra do caso de José de Alencar, cuja vida em república permitiu-lhe ter acesso à biblioteca particular do amigo Francisco Otaviano (CANDIDO, 2014, p. 161).

⁸¹ Por exemplo, ele e os amigos do Cenáculo possuíam uma “adoração fanática” por Daudet e Eça (LOBATO, 1961c, p. 143). Sobre a relação de Lobato e os autores de língua francesa, cf. BEDÊ, 2007.



conhecidos, seja da biblioteca de seu avô, seja das leituras feitas antes de ingressar no curso jurídico.

Ele também não deixava de cultivar outros interesses, como obras dedicadas à agricultura – à época ele ainda alimentava o sonho de ser fazendeiro⁸² –, bem como os textos produzidos pelos colegas do Cenáculo, que ele lia, discutia, e sobre os quais frequentemente oferecia sugestões (daí a alcunha de “crítico” que os amigos lhe deram). No mais, por suposto que também tomou contato com a literatura jurídica especializada – por exemplo, Lacerda de Almeida (em Direito Civil) e Paula Baptista e Lobão (em Teoria e Prática do Processo)⁸³ –, mas tais leituras pouca ou nenhuma influência posterior exerceram sobre ele.

A influência mais determinante em sua trajetória intelectual foi o contato com os escritos de Friedrich Nietzsche⁸⁴. Como dissemos, a admiração era tanta que fez Lobato adquirir sua obra completa direto da França, na tradução de Henri Albert (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 56 e 65). Nietzsche incutiu-lhe uma enorme sede de pensar, mas principalmente de pensar por si mesmo, como expõe o filósofo alemão no aforismo “Vademecum – Vadetecum” da *Gaia Ciência* (NIETZSCHE, 2012, p. 19), como vemos de sua correspondência com Rangel: “Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmo: ou não somos coisa nenhuma. (...) Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 83). O entusiasmo do jovem estudante de Direito pelo filósofo era patente:

Considero Nietzsche O maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência. É o homem “objetivo”. O homem *impessoal*, destacado de si e do mundo. Um ponto fixo acima da humanidade. O nosso primeiro ponto de referência. Nietzsche está *au delà du bien et du mal*, trepado num topo donde tudo vê nos conjuntos, e onde a perspectiva não é a nossa perspectivazinha horizontal (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 65-66, grifos no original).

E, mais adiante:

⁸² Em carta a Godofredo Rangel no 5º ano: “Estou prestes a fechar o meu curso. Entro na ‘vida prática’ em dezembro e creio que realizarei o meu sonho: ser fazendeiro. A minha vida ideal (isto é, de ideias) está a pingar o ponto final. Vou morrer - vai morrer este Lobato das cartas. E nascerá um que te fale em milho e porcos, e te dê receita para acabar com o piolho das galinhas” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 61). Este sonho se concretizaria após o falecimento de seu avô, mas, apesar de todo o preparo teórico, ele acabou fracassando na função.

⁸³ Cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 44 e 56 e LOBATO, 1955b, t. 1, p. 71-72.

⁸⁴ No começo do século Nietzsche era muito popular entre os literatos brasileiros, constituindo verdadeira “moda literária” no Brasil (BROCA, 1960, p. 112). A primeira citação do autor alemão no Brasil foi feita por Tobias Barreto, tendo Nietzsche sido recepcionado por ele e seus discípulos da Escola do Recife (PANTUZZI, 2016). Sobre a relação entre Monteiro Lobato e a Alemanha, cf. ZORZATO, 2010.



Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas – da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!” Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 66).

De fato, ele afirma ter aprendido mais com ele do que com todos os franceses, afirmando que “a chave de Nietzsche você a tem no aforismo 178 onde ele inconscientemente se retrata como um ‘semeador de horizontes’ – e é” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 66).

2.4. Os escritos

Ao mesmo tempo que lia, Lobato escrevia – mas não por obrigação, pois “ler e comer, só quando há apetite” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 48). Já nos tempos de escola e exames preparatórios ele iniciou sua contribuição em jornais estudantis: no Colégio Paulista, publicou “Rabiscando...”, em *O Guarani*⁸⁵; no Instituto de Ciências e Letras participou do Grêmio Literário Álvares de Azevedo⁸⁶, em cujo periódico bimestral *O Patriota* publicou pequenas contribuições; divulgou pequenos contos e crônicas em *A Pátria*, como “Uma Caçada de Paca”⁸⁷; também participou ativamente em jornaizinhos de Taubaté, com “Poemas da Juventude”, “Tilcara”, “E Amanhã?”, “Guaxará”, “O Teu Retrato”, “A Jovem e o Batráquio”, “Júlio” e outros; Lobato chegou mesmo a fundar e redigir um jornal próprio, manuscrito, ao qual deu o nome de *H20*⁸⁸ (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 24, 33-35)⁸⁹.

Quando ingressou no curso jurídico, Lobato continuou a redigir e publicar seus textos. Se por um lado a apatia e o marasmo da Academia lhe forneciam o tempo para escrever, por outro lhe serviam de tema, como em seu texto “Outrora e Hoje”⁹⁰, publicado em seu ano de calouros (1900), cujas ideias retornam em “A Fuga dos Ideais”⁹¹, no primeiro número de *O Onze de Agosto* em 1903.

⁸⁵ Cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 24-25.

⁸⁶ Em 13 de maio de 1898, houve uma sessão magna em que Lobato, perante todo o colégio e professorado, fez um discurso e recitou uma poesia de sua autoria sobre a data, sendo efusivamente aplaudido (LOBATO, 1961a, v. 1, p. 48).

⁸⁷ Cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 33-34.

⁸⁸ Possivelmente intitulado H2S (LOBATO, 1955c, p. 193).

⁸⁹ Para as produções de Lobato entre os 14 e 16 anos, cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 2, p. 297-302.

⁹⁰ Publicada em *Arcadia Acadêmica*, São Paulo, nº 1, 11 de agosto de 1900, cf. LOBATO, 1961c, p. 25-29.

⁹¹ Publicado em *O Onze de Agosto*, nº 1, de 11 de agosto de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 117-119.



Em 1903 ele publicou também “D’après nature”⁹² e “Crônicas teatrais”⁹³ e “Uma artista – Lucilia Simões”⁹⁴, demonstrando seu grande interesse pelas artes cênicas e pela cena teatral paulistana. Neste ano Lobato começou a contribuir em três jornais diferentes: o *Minarete*, *O Povo* e *O Combatente*. O primeiro⁹⁵, que levava o nome da famosa república, foi fundado em Pindamonhangaba por Benjamin Pinheiro⁹⁶ em 1903, com o objetivo de fazer oposição ao então prefeito – o que deu certo, já que Pinheiro ganhou a eleição em 1907 e neste mesmo ano o jornal deixou de existir⁹⁷. Nas palavras de Lobato, “o *Minarete* foi um jornal *sui generis*, inteiramente fora dos moldes do jornalismo do interior. Escrevíamos para nós mesmos, para brincar uns com os outros, e os leitores pindamonhangabenses viviam tontos com aquelas incompreensibilidades” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 31). Assim, não é difícil compreender que ele e os colegas do Cenáculo davam vazão à verve literária que os unia, escrevendo toda sorte de gêneros literários:

Eu me divertia fazendo de longe o *Minarete* quase inteiro. Quantos números totalmente escritos por mim – o soneto, os contos, o “humorismo”, as “variedades”, o rodapé, o artigo de fundo! Isso me forçava a um grande sortimento de pseudônimos, para dar ao público a impressão de que o jornal dispunha de um exército de colaboradores (...) E todos lá do Cenáculo nele escrevíamos. Bruno de Cadiz^[98] publicava as saudosas crônicas do *Álbum do Minarete*. Raul de Freitas, as suas tão sentimentais *Recordações*. Cândido apareceu nos primeiros números com a coluna *Fen dé Brut*, assinando Bompard. Rangel assinava Bezuquet. Albino assinava Guy d’Han. Ricardo também publicou no *Minarete* muitos dos seus sonetos e as traduções de Rostand o Lecomte (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 29, grifos no original).

No *Minarete*, Monteiro Lobato publicou⁹⁹ “A cor”¹⁰⁰, “Da janela”¹⁰¹, “A todo transe”¹⁰², “Em Casa de Fídias”¹⁰³, “Memórias de um velho”¹⁰⁴ e “O Queijo de Minas ou História de um

⁹² *Jornal da Infancia*, S. Paulo, anno II, n. 11, 21 de abril de 1903, p. 2-4 [localizado no acervo CEDAE]. Pode ser lido em BIGNOTTO, 2007.

⁹³ *O Onze de Agosto*, nº 2 (?), de 31 de agosto de 1903; *O Onze de Agosto*, nº 3, 16 de setembro de 1903; e *O Onze de Agosto*, nº 4, 30 de outubro de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 123-132.

⁹⁴ Na *Arcadia Acadêmica*. Cf. AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 31.

⁹⁵ Sobre o *Minarete*, cf. LOBATO, 1955b, t. 1, p. 28-31.

⁹⁶ Colega de Lobato, formado na FDSP em 1904.

⁹⁷ Benjamin Pinheiro foi presidente da Câmara Municipal em 1907 e prefeito em 1908 e 1909 (MARCONDES, 1922, p. 76-77).

⁹⁸ Pseudônimo literário de Ricardo Gonçalves LOBATO, 1955b, t. 1, p. 27.

⁹⁹ Para o artigo de apresentação de Lobato no 1º número do *Minarete*, cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 2, p. 302-303.

¹⁰⁰ *Minarete*, 27 de abril de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 37-39.

¹⁰¹ *Minarete*, 9 de julho de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 91-93. Neste texto ele discute a nova moda do *cake-walke*, dança norte-americana que por aqui se iniciava.

¹⁰² *Minarete*, 30 de julho e 6 de agosto de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 109-113.

¹⁰³ *Minarete*, 15 de maio de 1904, cf. LOBATO, 1961c, p. 319-323.

¹⁰⁴ *Minarete*, Pindamonhangaba, 14 e 21 de janeiro, 4, 11, 18 e 25 de fevereiro e 1º de março de 1904, cf. LOBATO, 1961c, p. 141-166.



Nó Cego”¹⁰⁵. Neste último Lobato toma o Cenáculo como tema, narrando seu nascimento e outras particularidades do grupo e da São Paulo de então.

O Povo, também recém-fundado em 1903 (e que durou até 1927), era publicado em Caçapava e teve seu cabeçalho desenhado por Lobato (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 53). Nele Lobato publicou “Juro!...”¹⁰⁶, “O charuto”¹⁰⁷, “Rubis...”¹⁰⁸, “Tio Pedrosa”¹⁰⁹, “Falta de assunto”¹¹⁰, “Os Lambe-Feras”¹¹¹, “Fragmento do romance ‘D. Edel’”¹¹², “Como se escreve um conto”¹¹³, “Tão ingênua!”¹¹⁴, “Diário dum esquisitão”¹¹⁵, “Assombro”¹¹⁶ e “Um vício horrroso”¹¹⁷.

O Combatente, por fim, foi fundado por Oscar Breves em São Paulo, sendo um “jornaleco desses de ‘pegar anúncios’”, nas palavras de Lobato (1955b, t. 1, p. 32); teve vida curta – de 1903 a 1904. Não localizamos nenhum dos textos escritos por Lobato neste periódico.

É interessante atentarmos para a utilização de inúmeros pseudônimos pelo jovem estudante: “Lobatojewsky, Yewsky, Pascalon o Engraçado, Ruy d’Hã, Hélio Bruma, Enoch Vila-Lobos, Matinho Dias, B. do Pinho, Osvaldo, P., N., Yan Sada Yako, Mem Bugalho, She, Antão de Magalhães, Nero de Aguiar, Bertoldo, Marcos Twein, Olga de Lima, etc.” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 29)¹¹⁸. Se por um lado demonstra a vergonha em se expor¹¹⁹, por outro mostra como ele lidava com o peso da tradição das Arcadas, pelas quais havia passado grande parte dos literatos brasileiros¹²⁰ e dentre os quais Lobato tinha a pretensão de incluir-se¹²¹.

¹⁰⁵ Escrito junto com Godofredo Rangel, cf. NEIVA, 1943, p. XXIV.

¹⁰⁶ *O Povo*, Caçapava, 26 de março de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 33-34.

¹⁰⁷ *O Povo*, Caçapava, 7 de maio de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 43-46.

¹⁰⁸ *O Povo*, Caçapava, 18 de junho de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 49-53. Segundo Edgard Cavalheiro, “Contos como ‘Rubis...’ são comuns na prosa lobateana do período acadêmico. Tudo indica que tinham endereço certo para alguma namorada” (LOBATO, 1961c, p. 47).

¹⁰⁹ *O Povo*, Caçapava, 25 de junho de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 57-58.

¹¹⁰ *O Povo*, Caçapava, 2 de julho de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 61-63.

¹¹¹ Apenas o primeiro capítulo foi publicado em *O Povo*, mas a recepção negativa dos assinantes fez o diretor suspender o restante da história (LOBATO, 1961c, p. 65-66). Pode ser conferido em LOBATO, 1961c, p. 67-87.

¹¹² *O Povo*, Caçapava, 9 de julho de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 97-100.

¹¹³ *O Povo*, Caçapava, 16 de julho de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 103-106.

¹¹⁴ *O Povo*, Caçapava, 17 de setembro de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 135-136.

¹¹⁵ *O Povo*, Caçapava, 15 de outubro de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 139-141.

¹¹⁶ *O Povo*, de Caçapava, 24 de abril de 1904, cf. LOBATO, 1961c, p. 169-171. Fazia parte das “Aventuras de Hélio”, em função do pseudônimo Hélio Bruma, o mais utilizado por ele.

¹¹⁷ Uma crônica em que “tece considerações e defende os fumantes e o fumo”. Apenas citado em LOBATO, 1961c, p. 41. Ele também publicou dois artigos sobre futebol no jornal em 10 e 17 de julho de 1904 (CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 89 e 101, nota 2), mas não conseguimos localizá-los.

¹¹⁸ Para outros pseudônimos, cf. CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 65.

¹¹⁹ Cf. LOBATO, 1955b, t. 2, p. 245 e CAVALHEIRO, 1962, v. 1, p. 65.

¹²⁰ Cf. CANDIDO, 2014.

¹²¹ O uso retórico e estratégico de pseudônimos também pode ser entendido como uma contraposição à tradição por parte de Lobato.



Vale ressaltar que, além de escrever textos originais, os amigos do Cenáculo também praticavam a tradução e a crítica. Em relação à primeira, sabemos que Ricardo traduziu o primeiro ato do *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand e Lobato traduziu o conto “A Matter of Fact”, de Rudyard Kipling, que publicou no *Minarete*¹²² (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 69 e 244). A crítica era um gênero apreciado por Lobato, como vemos deste excerto escrito por Lino Moreira, sob o pseudônimo de Sheridan, que fez um retrato ácido de seus colegas de Cenáculo (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 38-40). Sobre Lobato ele afirma:

Yewsky (Lobato): baixinho, miudinho. Moreno e rosto de expressão incolor. É o “magister dixit” da comandita de elogios mútuos. Espírito multiforme e versátil, elástico e científico (supõe-se ele). Muda de opiniões mais ou menos filosóficas com a sofreguidão dum comboio célere através de florestas. Intolerante e extremado no que escreve. Cultiva o mais escabroso gênero literário, a crítica. Estuda muito. Lê obras ponderosas... Escreve romancécicos e esboça infâmes aquarelas. Quando fala, ou preleciona (o mais comum), numa vozinha alambicada, espremendo as mãos, deixa transparecer nos lábios sarcásticos uma ponta de superioridade, seguro de si, orientado solidariamente pela meditação de pesados autores e provoca silêncio ou sono. Chama todo mundo de imbeci-i-l. Em resumo: farofas de filósofo num cérebro de literato à Machado de Assis (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 38).

De fato, Edgard Cavalheiro afirma que ele já se mostrava ser “um crítico ponderado e cheio de ideias inovadoras, sabendo analisar uma obra, penetrar-lhe o sentido profundo e dela extrair motivos para julgamentos e afirmações literárias ou sociológicas, quase sempre bem alicerçadas, quase sempre transpirando inegável vocação crítica” (LOBATO, 1961c, p. 107). Ainda que pouco tenha restado de sua crítica literária do período estudantil, podemos perceber sua vocação para esta atividade no texto sobre o romance *A Todo Transe* (1902) de Emanuel Guimarães, publicado no *Minarete*¹²³, bem como suas ideias sobre *Canaã* (1902), de Graça Aranha, compartilhadas com Godofredo Rangel nas missivas que trocavam (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 52-54).

3. Conclusão

Após a formatura, Monteiro Lobato retornou a Taubaté, onde foi recebido com todas as pompas e manifestações dignas a um bacharel por São Paulo e neto de Visconde: foguetes,

¹²² Mais tarde ele voltaria a traduzir obras de Kipling (*The Jungle Books*, *The Second Jungle Book* e *Kim*). Sobre esse tema, cf. BECKER, 2006.

¹²³ “A todo transe”, *Minarete*, 30 de julho e 6 de agosto de 1903, cf. LOBATO, 1961c, p. 109-113.



banda de música e discursos que louvavam seu “raro brilhantismo” e “as venerandas Arcadas” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 85)¹²⁴. Ao tomar a palavra, ele declarou que

não havia razão para homenagem, porque se tratava dum bacharel mais pelo Largo do Rosário do que pela Academia, no qual as ciências do Triângulo superavam as do Corpus Juris. Disse ainda que um novo advogado não passa de mais uma filoxera social que sai do casulo – e por aí além (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 85-86).

A irreverência da atitude – que por suposto causou desconforto aos convidados – é o testemunho do sentimento que nutria pelo curso e pelos novos colegas de profissão. De fato, do ponto de vista estritamente acadêmico, podemos dizer, como Edgard Cavalheiro (1962, v. 1, p. 44) o fez, que Lobato era um estudante mediano: não era nem bom¹²⁵ – sua aversão à secura da matéria e sua simplificação no 4º ano o provam – e nem mau – a ponto de levar “bomba” e ser reprovado, como Lino e Raul, seus amigos do Cenáculo (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 59). Contudo, daí dizer que o período de estudante tenha sido “apagado” não é possível: não só participou ativamente em atividades e associações estudantis, como a Arcádia Acadêmica e o Centro Acadêmico 11 de Agosto, como proferiu vários discursos e conferências, a ponto de ser reconhecido pelos colegas de turma e ser eleito o orador da turma por quase unanimidade. Em paralelo, participava da vida social fervilhante da Paulicéia da *Belle Époque*: “fazia” o Triângulo e se reunia diariamente com os amigos do Cenáculo no Café Guarani, ia ao teatro, namorava, jogava futebol. Talvez por isso que ao final da vida confessasse saudades dos tempos acadêmicos¹²⁶.

E lia. Lia muito e de tudo, de Filosofia a Agricultura. Se, segundo a própria visão de Lobato, sua formação jurídica não foi das melhores, por outro lado podemos afirmar que sua formação literária foi sólida. É neste período que ele tem contato com autores e obras que lhe acompanhariam por toda a vida. Do ponto de vista filosófico, o naturalismo jurídico que imperava no ambiente intelectual da Faculdade de Direito de São Paulo tornava as obras de Augusto Comte e Herbert Spencer leituras obrigatórias. O interesse pelo socialismo o aproximou de Gustave Le Bon e a sede por pensar – mas por pensar por si próprio – o levou a Friedrich Nietzsche. A literatura também se fez presente, em especial nas leituras de Alexandre Herculano, Alphonse Daudet, Émile Zola, Eça de Queirós, Machado de Assis, Guy de

¹²⁴ “Taubaté”, *Correio Paulistano*, São Paulo, 4 de janeiro de 1905, p. 2.

¹²⁵ O primeiro da turma era reconhecidamente Ulysses de Abreu e Lima Pereira Coutinho. O único a defender teses e obter o título de doutor foi Luiz da Câmara Lopes dos Anjos (CANTINHO FILHO, 1934, p. 84, 108-109 e 125-126).

¹²⁶ Cf (LOBATO, 1959, p. 18-19).



Maupassant, Rudyard Kipling, Goethe, Victor Hugo e Gustave Flaubert, autores que ele e os amigos do Cenáculo apreciavam e discutiam no Minarete e nas noites do Café Guarani.

É claro que tais leituras se refletiam nos escritos. Assim como lia muito, ele escrevia muito, e isso se reflete desde os temas abordados até o estilo que empregava, passando pelas referências incluídas ao longo de seus textos. O resultado foram diversas publicações de contos, crônicas, poesia, tradução, crítica, etc. em diferentes jornais. Muitos desses textos ele reaproveitou posteriormente, principalmente em *Cidades Mortas*¹²⁷. Além disso, em 1948 foi publicado *Literatura do Minarete*, que traz textos do período em que estudou Direito.

Ainda no 5º ano escreve a Godofredo Rangel: “Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossível. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um cálice e acaba pau d’água de cadeia” (LOBATO, 1955b, t. 1, p. 62). A vocação para a arte lhe era inerente¹²⁸ e, mesmo não tendo conseguido estudar Belas Artes, conservou a pintura como hobby por toda a vida. Em realidade, podemos dizer que pintura e literatura andavam de mãos dadas: “No fundo (...) não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério, arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo da literatura, e nada tenho feito senão pintar com palavras” (LOBATO, 1961c, p. 35).

Referências Bibliográficas

Periódicos¹²⁹

Arcadia Academica (São Paulo)
Correio Paulistano (São Paulo)
Jornal da Infancia (São Paulo)
Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)
Minarete (Pindamonhangaba)
O Combatente (São Paulo)
O Estado de S. Paulo (São Paulo)
O Onze de Agosto (São Paulo)

¹²⁷ “Cavalinhos” (1900), “Noite de São João” (1900), “Café! Café!” (1900), “Gens ennuyeux” (1901), “A ‘Cruz de Ouro’” (1901), “Porque Lopes se casou” (1903), “Cabelos compridos” (1904), “O figado indiscreto” (1904) (LOBATO, 1956). Datam deste período também “Em Casa de Fídias” e “Duas dançarinas”, publicados na primeira edição de 1919 (LOBATO, 1961c, p. 317-331).

¹²⁸ Nas “Crônicas teatrais” de 1903 ele escreve que “(...) arte é vida; só é artista aquele que reproduz a sensação da vida em toda a sua intensidade com tudo que ela tem de bom e mau de coerente e de absurdo, de feio e de formoso, de estúpido e gracioso. A arte é uma objetivação do subjetivo (...)” (LOBATO, 1961c, p. 129).

¹²⁹ A maioria dos periódicos pode ser consultado na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Fundação Biblioteca Nacional.



O Povo (Caçapava)
Vida Paulista (São Paulo)

Livros e artigos

ATHANÁZIO, Enéas. *3 dimensões de Lobato*. São Paulo: Editora do Escritor, [1975]. (Coleção Ensaio; v. 4)

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo, SP: Editora SENAC São Paulo, 1997.

BANDECCHI, Brasil. *A Bucha, a Maçonaria e o espírito liberal*. 3. ed. São Paulo: Parma, 1982.

BARBOSA, Alaor. *Um Cenáculo na Paulicéia: um estudo sobre Monteiro Lobato*, Godofredo Rangel, José Antônio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo. Brasília: Projecto Editorial, 2002.

BECKER, Elizamari Rodrigues. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/7650>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2007.

BIGNOTTO, Cilza. *Monteiro Lobato em construção*. Campinas, SP, 2007. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/cilza01Lobato.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

BRASIL. DECRETO nº 1.159, de 3 de dezembro de 1892. Aprova o código das disposições comuns às instituições de ensino superior dependentes do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Coleção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1892*. Parte 2ª. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, p. 961.

BRASIL. DECRETO nº 230, de 7 de dezembro de 1894. Aprova com modificações e additamentos o Código das disposições comuns às instituições de ensino superior, que baixou com o decreto n. 1159 de 3 de dezembro de 1892. *Coleção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1894*. V. 1, pts. 1 e 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895, p. 50.

BRASIL. LEI nº 314, de 30 de outubro de 1895. Reorganisa o ensino das Faculdades de Direito. *Coleção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1895*. Pts. 1 e 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896, p. 31

BRASIL. DECRETO nº 2.173, de 21 de Novembro de 1895. Dá instruções para os exames geraes de preparatorios nos Estados. *Coleção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1895*. Parte 2 - Atos do Poder Executivo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896, p. 632



BRASIL. DECRETO nº 2.226, de 1º de fevereiro de 1896. Aprova os estatutos das Faculdades de Direito da Republica. *Colecção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1896*. Parte 2ª. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. 128.

BRASIL. DECRETO nº 3.890, de 1º de janeiro de 1901. Aprova o Codigo dos Institutos Officiaes de Ensino Superior e Secundario, dependentes do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. *Colecção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1901*. V. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902, p. 1.

BRASIL. DECRETO nº 3.903, de 12 de janeiro de 1901. Aprova o regulamento das Faculdades de Direito. *Colecção das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brazil de 1901*. V. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902, p. 148.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil - 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

BRUNO, Ernani Silva. *Histórias e Tradições da Cidade de São Paulo*. V. II – Burgo de Estudantes (1828-1872). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1954.

CANDIDO, Antonio. A literatura na evolução de uma comunidade. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014, p. 147-175.

CANTINHO FILHO. *Os bachareis de 1904: reminiscencias*. S.l., S.N., 1934

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1962. 2 v.

CRUZ, Osni Lourenço. *Na trilha de Lobato: a inquieta juventude*. Taubaté: Edição do Autor, 2018.

EDITOR, O. Movimento da Faculdade de Direito em 1901. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 9, p. 172-193, 1901. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/64998>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

EDITOR, O. Movimento da Faculdade de Direito em 1902. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 10, p. 315-342, 1902. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65013/67625>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

EDITOR, O. Movimento da Faculdade de Direito de São Paulo em 1904. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo director da Faculdade Vicente Mamede de Freitas. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 12, p. 358-388, 1904. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65043>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

EDITOR, O. Movimento da Faculdade de Direito de São Paulo em 1905. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 13, p. 260-289, 1905. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65057>>. Acesso em: 04 abr. 2022.



EDITOR, O. Pedro Augusto Carneiro Lessa (1859-1921). *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, [S. l.]*, v. 54, n. 2, p. 9-11, 1959. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66303>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO. Bibliotheca. *Catalogo da Bibliotheca da Faculdade de Direito de São Paulo em 1887*. São Paulo: Typographia a vapor de Jorge Seckler & Comp. 1887.

FERREIRA, Waldemar. Congregação da Faculdade de Direito de São Paulo na centúria de 1827 a 1927. Notas compiladas e coordenadas pelo Dr. Waldemar Ferreira, professor cathedratico de Direito Commercial. II - Os lentes e os professores cathedraticos. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, São Paulo, v. 24, p. 39-143, jan. 1928b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65216/67821>. Acesso em: 02 jun. 2022.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. *Direito e Literatura: anatomia de um desencanto – desilusão jurídica em Monteiro Lobato*. Curitiba: Juruá, 2008.

GONÇALVES, Ricardo. *Ipês: versos*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1921.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012

LOBATO, Monteiro. *Choque das raças ou o presidente negro: romance americano do anno de 2228*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

LOBATO, Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. 6. ed. S. Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1955a. (Obras Completas de Monteiro Lobato; v. 12)

LOBATO, Monteiro. *A barca da Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 6. ed. S. Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1955b. 2 t. (Obras Completas de Monteiro Lobato; v. 11)

LOBATO, Monteiro. *Prefacios e entrevistas*. 6. ed. S. Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1955c. (Obras Completas de Monteiro Lobato; v. 13)

LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*. 7. ed. S. Paulo: Editôra Brasiliense Limitada, 1956. (Obras Completas de Monteiro Lobato; v. 2)

LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 2º tomo. S. Paulo: Editôra Brasileinse, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 1º tomo. 2. ed. S. Paulo: Editôra Brasileinse, 1961a.

LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. 2. ed. S. Paulo: Editôra Brasiliense, 1961b.

LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. 2. ed. S. Paulo: Editôra Brasiliense, 1961c.



LÔBO, Pelágio. *Recordações das Arcadas*. São Paulo: Reitoria da USP, Departamento de Cultura e Ação Social, Divisão de Difusão Cultural, 1953.

LOPES, José Reinaldo de Lima. *Naturalismo jurídico no pensamento brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2014.

MACHADO JÚNIOR, Armando Marcondes. *Centro Acadêmico XI de Agosto*: Faculdade de Direito de São Paulo. 5. ed. São Paulo: Mageart, 2006.

MARCONDES, Athayde. *Pindamonhangaba através de dois e meio séculos*. Parte I. 2. ed. São Paulo: Typ Paulista, 1922.

MARTINS, Ana Luiza; BARBUY, Heloisa. *Arcadas*: história da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Alternativa Serviços Programados, 1999.

MONTEIRO, João Pereira. O movimento da Faculdade em 1903. *Revista da Faculdade de Direito de São Paulo*, v. 11, p. 389-413, 1903. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdsp/article/view/65026/67638>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

NEVES, Artur. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Urupês, outros contos e coisas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo*: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas. São Paulo: Typographia Vanorden & Company, 1907. v. 1. Disponível em: <https://archive.org/details/academiadesopa01nogu>. Acesso em: 03 jun. 2022.

NOGUEIRA, José Luiz de Almeida. *A Academia de São Paulo*: tradições e reminiscências, estudantes, estudantões, estudantadas. Lisboa: Typ. “A Editora”, 1910. v. 8. Disponível em: <https://archive.org/details/academiadesopa08nogu>. Acesso em: 04 jun. 2022.

PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil*: a Escola de Recife. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PESSO, Ariel Engel. *O ensino do Direito no Brasil*: das faculdades livres à reforma Francisco Campos. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.2.2018.tde-20082020-181620. Acesso em: 04 jun. 2022.

PESSO, Ariel Engel. Análise crítica da bibliografia memorialística sobre o ensino jurídico no período imperial (1827-1889): as “Tradições e Reminiscências” de Almeida Nogueira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 182, n. 486, p. 137-162, maio/ago. 2021.



PESSO, Ariel Engel. *Escravidão no Brasil Império: a fundamentação teórica nas Faculdades de Direito do século XIX*. São Paulo: Almedina, 2023.

SCHMIDT, Afonso. *A sombra de Júlio Frank*. São Paulo: Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2008.

SCHUBSKY, Cássio. *A heróica pancada: Centro Acadêmico XI de Agosto: 100 anos de luta*. São Paulo: MEMOJUS, 2003

SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. *Monteiro Lobato, o leitor*. 2014. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.31.2014.tde-03062014-153059. Acesso em: 2022-04-11.

STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a historia da Academia de São Paulo*. São Paulo: Saraiva & Cia, 1924. 2 v.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da Academia de São Paulo*. 2. ed. Brasília: INL, Conselho Federal de Cultura, 1977. 2 v.

ZORZATO, Lucila Bassan. A Alemanha em Lobato. In: AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.). *Anais da X Semana de Letras. 70 anos: a FALE fala* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Lucila-Bassan-Zorzato.pdf> Acesso em: 29 out. 2022.